




ATITUDES FRENTE À DOAÇÃO DE ÓRGÃOS: REVISÃO SISTEMÁTICA DE ESTUDOS BRASILEIROS

ATTITUDES TOWARDS ORGAN DONATION: SYSTEMATIC REVIEW OF BRAZILIAN STUDIES

Luiz Silva^{†1} , Kátia Souza¹ , & José Hernandez¹ 

¹Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social, Rio de Janeiro, Brasil, luiz.antonio@uerj.br, katiamsouza@hotmail.com, hernandez.uerj@gmail.com

Resumo: O objetivo desta revisão sistemática é responder à seguinte pergunta: quais são as atitudes, frente à doação de órgãos para transplantes, encontradas em estudos empíricos brasileiros publicados em periódicos científicos? Foi realizada uma busca nos bancos de dados MEDLINE, LILACS e CINAHL. Os artigos, publicados entre 2001-2019, foram selecionados conforme os critérios de inclusão e exclusão para este estudo. Após análise, 50 manuscritos foram elegíveis para responder ao problema da pesquisa. A maioria dos estudos apontou, como atitudes favoráveis à doação de órgãos, fatores preponderantes como: a sensibilidade na comunicação, a solidariedade, a empatia, a compaixão, os aspectos culturais e o esclarecimento acerca do diagnóstico de morte encefálica por parte de profissionais médicos, envolvendo o fechamento do protocolo de morte cerebral. Por outro lado, a linguagem, as crenças distorcidas, a falta de esclarecimento sobre o diagnóstico, a mutilação, o medo e a insegurança no sistema de saúde, parecem influenciar negativamente e explicam as atitudes frente à negação da doação de órgãos.

Palavras-Chave: Atitudes, Doação de órgãos; Saúde

Abstract: The purpose of this systematic review is to answer the following question: what are the attitudes towards organ donation for transplants found in Brazilian empirical studies published in scientific journals? A search was performed in the MEDLINE, LILACS and CINAHL databases. The articles, published between 2001-2019, were selected according to the inclusion and exclusion criteria for this study. After analysis, 50 manuscripts were eligible to answer the research problem. Most studies pointed out as favorable attitudes to organ donation, preponderant factors such as sensitivity in communication, solidarity, empathy, compassion, cultural aspects and clarification about the diagnosis of brain death by medical professionals, involving the closure of the brain death protocol. On the other hand, the language, the distorted beliefs, the lack of clarification about the diagnosis, mutilation, fear and insecurity in the health system, seem to have a negative influence and explain the attitudes towards the denial of organ donation.

Keywords: Attitudes; Organ donation; Health

As doações de órgãos no Brasil, até o período de 1997, aconteciam de forma presumida, devidamente regulamentada e com base na Lei nº 9434/97 (ou Lei dos Transplantes de Órgãos), regulamentada pelo Decreto nº 2.268/97. Com a elaboração da lei 10.211/2001, a doação de órgãos

[†]Morada de Correspondência: Rua São Francisco Xavier, 524 – Maracanã, CEP: 20550013, Rio de Janeiro, Brasil. Email: luiz.antonio@uerj.br

Submetido: 07 de maio de 2021

Aceite: 11 de outubro de 2021

humanos no Brasil, passa ser consentida pela família, ou responsável legal do falecido (Cruz, 2019; Santos et al., 2014). A doação de órgãos pode ser entendida como um ato altruístico. Um comportamento pró-social, como apontado nos estudos de Batson et al. (2003) e Gouveia et al. (2010). Na perspectiva da doação de órgãos, a família em dor, enlutada pela perda de seu ente querido, pode se posicionar em se solidarizar com alguém, anonimamente, doar os órgãos de seu ente em morte encefálica (Silva, 2016). As divergências de opiniões frente a tomada de decisão para doação de órgãos entre os membros familiares podem envolver religião, desconfiança frente ao diagnóstico de morte encefálica e o medo de mutilação de corpo (de Brito & Prieto, 2012).

Para Silva (2016), a doação de órgãos é um processo unidirecional. Isso significa que o destinatário não oferece nada em troca pelo benefício obtido. A decisão de doar órgãos prioriza o outro frente à dor ou incertezas do momento vivido. É uma escolha feita quase sempre com pouco tempo para o amadurecimento da ideia e que envolve decisões que podem ser complexas para a família (nos casos *post mortem*). Na maior parte das vezes, o momento da entrevista familiar é a única oportunidade de obter informações e esclarecer possíveis dúvidas sobre os procedimentos (Cinque & Bianchi, 2010a).

A relevância frente ao tema, “atitudes frente à doação de órgãos”, deu origem à Organs Donation Attitudes Escala (ODAS) (Parizi & Katiz, 1986) com itens relacionados à Convicção e Moral Humana”; medo da “Mutilação do Corpo” e o “Medo da Negligência Médica”. A ODAS teve a sua validade de constructo adaptada em países como a China (Boey, 2002); Inglaterra (Cantwell & Clifford, 2002; Kent & Owens, 1995), na Turquia nos estudos de Yazici Sayin (2016); na Austrália por Moloney (2019), à título de estimular a doação de órgãos. No Brasil, o mesmo instrumento foi adaptado por Silva Junior (2020) buscando confirmar a correlação das atitudes mediante à intenção da doação de órgãos.

Os resultados de Silva Junior (2020), apresentam semelhança de resultados nos estudos de Pompeu et al. (2014). Segundo Silva Junior, os motivos de recusa na doação de órgãos, está na vontade da família de manter o corpo íntegro, a falta de confiança no processo de doação e a falta de sensibilidade por parte dos profissionais de saúde. A atitude empática deve estar contemplada no atendimento à família enlutada, e ocorre quando a ação solidária ganha maior relevância na balança de motivos do que dos temores envolvidos no transplante (Oliveira & Nihei, 2018).

No que se refere à atitude, Allport (1935), pioneiro na temática, discorre sobre o termo como um tipo de diligência em relação à compreensão para certa execução, uma espécie de prontidão mental que pode influenciar na dinâmica do indivíduo para tomada de decisão frente às situações da vida de forma favorável ou desfavorável. Rodrigues et al. (2015) declaram que as atitudes se compõem de afetividades, sentimentos, pró ou contra um objeto social definido, tendo como consequência uma ação coerente com as cognições e afetos relativos ao objeto. Tais componentes podem incitar o comportamento do indivíduo e se baseiam em normas subjetivas. Portanto, pode-se entender a intenção para doação de órgãos influenciada por um conjunto de significados ou representações, atitudes, tendo como consequência o comportamento (ação), fatores orientadores para determinado comportamento (Rezende et al., 2020). De acordo com os estudos sobre as atitudes, cada pessoa tem seu pensamento, ou seja, tem um modelo teórico acerca das experiências desenvolvidas ao longo da vida. Neste sentido, Rodrigues et al. (2015) complementam que, para a psicologia, a formação das atitudes expressa valores que se estruturam em um sistema de compatibilidade ou de oposição.

Considerando que cada país tenha a sua própria legislação frente ao processo de doação de órgãos e, que no Brasil a doação de órgãos é consentida através da lei 10.211/2001, este estudo busca responder a seguinte pergunta problema: quais as possíveis atitudes encontradas, em estudos brasileiros, no período de 2001 a 2019, frente à doação de órgãos.

MÉTODO

A busca de publicações científicas foi realizada nas bases de dados indexadas MEDLINE, LILACS e CINAHL. A pesquisa foi operacionalizada em maio de 2020 em conformidade com as recomendações das Diretrizes Metodológicas do Ministério da Saúde (MS, 2012) para a elaboração de revisões sistemáticas.

Pela amplitude do idioma inglês e, por ser este, considerado a língua franca científica, os pesquisadores optaram pelo uso dos descritores neste idioma, sendo adicionado os operadores booleanos: Tissue AND Organ Procurement; Tissue Donors; Attitude to Death; Attitude; Ethics; Emotions; Communication Barriers; Knowledge; Parental Consent; Presumed Consent; Brain Death AND Brazil. Todos avaliados no sistema dos Descritores em Ciências da Saúde (DeCS) e no Medical Subject Headings (MeSH).

Foram considerados os seguintes critérios de inclusão: estudos que identifiquem as atitudes frente ao processo de doação de órgãos humanos; amostragem brasileira; estudos empíricos publicados entre 2001 e 2019, todos em periódicos científicos revisados por pares; não foram estabelecidas restrições quanto ao tipo de delineamento da pesquisa, amostragem e idioma de publicação. E os critérios de exclusão: publicação com indisponibilidade de texto completo; teses, dissertações ou monografias; revisões sistemáticas, integrativas, narrativas ou bibliométricas da literatura.

Após a etapa de triagem dos artigos selecionados nas bases de dados indexadas, realizou-se a leitura dos textos na íntegra. Foram considerados 50 estudos elegíveis para a composição da presente revisão sistemática. Foi utilizado a diretriz de redação PRISMA (Moher et al., 2009) para o desenvolvimento desse estudo sistemático. A Figura 1 refere-se ao fluxograma PRISMA com as etapas do processo de seleção dos artigos elegíveis.

Em relação aos estudos selecionados, a Quadro 1 apresenta a relação dos 50 estudos brasileiros que preenchem os critérios para a presente pesquisa.

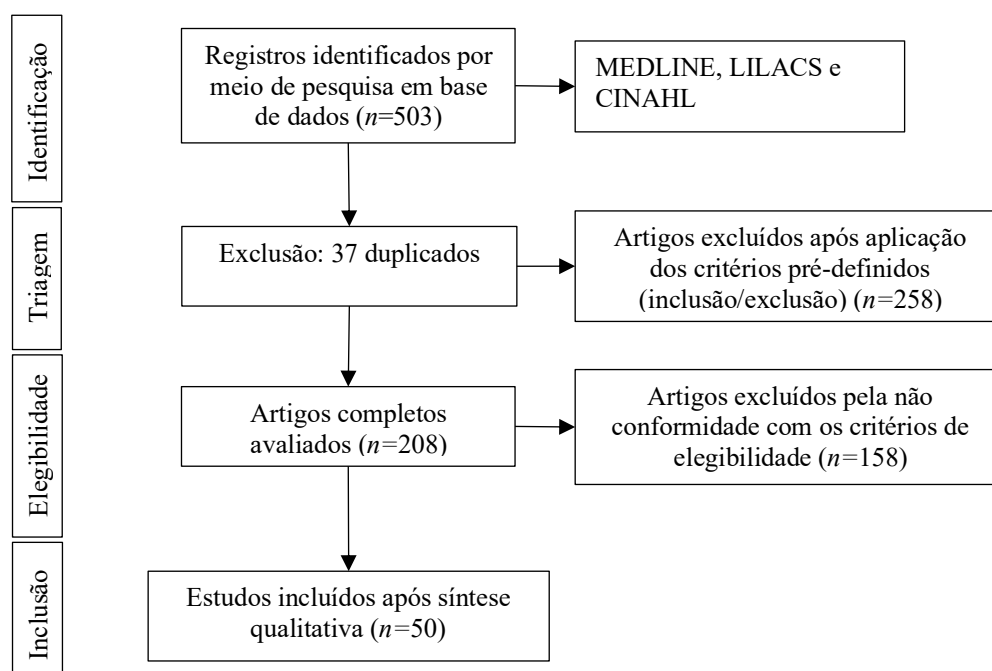


Figura 1. Fluxograma PRISMA da seleção dos estudos primários

Quadro 1. Quadro descritivo dos estudos selecionados

Autor(es)/Ano	Estudo	Amostragem	Periódico	Qualis
Bendassolli (2001)	Percepção do corpo, medo da morte, religião e doação de órgãos	192 estudantes	Psicologia: Reflexão e Crítica	A1
Sadala (2001)	A experiência de doar órgãos na visão de familiares de doadores	18 familiares	Jornal Brasileiro de Nefrologia	C
Amaral et al. (2002)	Knowledge of organ donation among one group of brazilian professors of Medicine	144 professores de medicina	Transplantation Proceeding	B1
Duarte et al. (2002)	Brazilians attitudes toward organ donation transplantation	1.066 participantes	Transplantation Proceedings	B1
Rodrigues & Sato (2002)	Conhecimento e atitude da População do Hospital de São Paulo sobre doação de córneas	321 participantes	Transplantation Proceedings	B1
de Almeida et al. (2003)	Doação de órgãos e biomédica: construindo interface.	45 participantes	Revista Brasileira de Enfermagem de Brasília	A2
Afonso et al. (2004)	Future doctors and brain death: what is the prognosis?	580 graduandos de Medicina	Transplantation Proceeding	B1
Dutra et al. (2004)	Knowledge about transplantation and attitudes toward organ donation: A survey among medical students in northeast Brazil	779 estudantes de Medicina	Transplantation Proceedings	B1
Peron et al. (2004)	Fatores envolvidos na negativa de doação de tecido ósseo	1.284 estudantes de nível superior	Transplantation Proceedings	B1
Barcellos et al. (2005)	Organ donation: population based study	3.159 participantes	Clinical Transplantation	A4
Fonseca & Carvalho (2005)	Fragmentos da vida: representações sociais de doação de órgãos para transplantes	18 participantes	Interações	A4
Santos & Massarollo (2005)	Processo de doação de órgãos: percepção de familiares de doadores cadáveres	6 familiares	Revista Latino-Americana de Enfermagem	B4
de Moraes et al. (2006)	Crenças que influenciam adolescentes na doação de órgãos	94 estudantes	Revista da Escola de Enfermagem da USP	B1
Coelho et al. (2007)	Opinião e conhecimento da população de Curitiba sobre doação e transplante de órgãos	1.000 participantes	Revista da Associação Brasileira de Medicina	B2
Galvão et al. (2007)	Analisar o conhecimento e a opinião de estudantes de medicina sobre doação e transplante de órgãos.	1.050 participantes	Revista Brasileira de Medicina	B2
Schirmer et al. (2007)	Doação de órgãos e tecidos: o que sabem os estudantes do ensino médio?	310 estudantes	Einstein	B1
Tessmer et al. (2007)	Do people accept brain death as death: a study in Brazil.	3.159 participantes	Transplantation Progress	B1
Bouso (2008)	O processo de doação de órgãos do filho: uma teoria substantiva	37 familiares	Texto & Contexto Enfermagem	A2
Quintana & Arpini (2009)	Doação de órgãos: possíveis elementos de resistência e aceitação	19 participantes	Boletim de Psicologia	A4
Moraes & Massarollo (2009)	Recusa de doação de órgãos e tecidos para transplantes relatados por potenciais doadores de familiares.	8 famílias	Revista Latino-Americana de Enfermagem	A2
Cinque & Bianchi (2010a)	A tomada de decisão das famílias para a doação de órgãos	16 familiares	Cogitare Enfermagem	B2

Atitudes frente à doação de órgãos

Autor(es)/Ano	Estudo	Amostragem	Periódico	Qualis
Cinque & Bianchi (2010b)	Estressores vivenciados pelos familiares no processo de doação de órgãos e tecidos para transplante.	16 famílias	Revista da Escola de Enfermagem da USP	A3
Gomes et al. (2010)	Doação de órgãos: responsabilidade social no serviço profissional da enfermagem.	17 pessoas	Cogitare Enfermagem	B2
Campos et al. (2011)	Conhecimento sobre doação de órgãos na população de Cachoeiro de Itapemirim/ES.	122 participantes	Acta Paulista de Enfermagem	A2
Monteiro et al. (2011)	Doação de órgãos: compreensão na perspectiva de adolescentes.	13 adolescentes	Brasileira de Maternidade Saúde	B1
Santos & Massarollo (2011)	Fatores que facilitam e dificultam a entrevista familiar no processo de doação de órgãos e tecidos para transplante.	18 profissionais de uma OPO	Revista Acta Paulista de Enfermagem	A2
Lira et al. (2012)	Ponderações de familiares sobre a decisão de recusar a doação de órgãos.	9 famílias	Acta Paulista de Enfermagem	A2
Neto et al. (2012)	Estudantes de medicina da UFJF e doação de órgãos para transplantes.	364 estudantes	HU Revista – Juiz de Fora	B4
Santos et al. (2012)	Entrevista familiar no processo de doação de órgãos e tecidos para transplante.	12 profissionais de saúde	Acta Paulista de Enfermagem	A2
Teixeira et al. (2012)	A intenção de doar órgãos é influenciada pelo conhecimento populacional sobre morte encefálica?	136 participantes	Revista Brasileira de Terapia Intensiva	B3
Pessoa et al. (2013)	Avaliação das causas de recusa familiar à doação de órgãos e tecidos.	42 famílias	Acta Paulista de Enfermagem	A2
Pompeu et al. (2014)	Fatores envolvidos na negativa de tecido ósseo.	87 famílias	Acta Paulista de Enfermagem	A2
Fernandes et al. (2015)	Vivenciando a doação de órgãos: sentimentos de familiares pós consentimento.	12 familiares	Teoria e Prática em Administração	B4
Fonseca & Tavares (2015)	O manejo das emoções dos coordenadores em transplantes na realização da entrevista familiar para doação de órgãos.	24 coordenadores	Revista Portuguesa de Enfermagem de Saúde Mental	B4
Freire et al. (2015)	Aspectos éticos e legais da doação de órgãos: visão dos estudantes de enfermagem.	121 alunos	RECOM	B1
Mazzia et al. (2015)	O que é a doação de órgãos? Educando na dúvida.	293 participantes	Transplantation Proceeding	B1
Moraes et al. (2015)	Experiências e expectativas de enfermeiros no cuidado ao doador de órgãos e sua família.	20 enfermeiros	Revista da Escola de Enfermagem da USP	A3
Rezende et al. (2015)	Doação de órgãos no Brasil uma análise das campanhas governamentais sob a perspectiva do Marketing Social.	412 sujeitos	REMARK	B1
Araújo & Siqueira (2016)	Brazilian Healthcare Professionals: a study of attitudes Toward Organ Donation.	162 médicos e enfermeiros	Transplantation Proceedings	B1
Bedenko et al. (2016)	Análise do conhecimento da população geral e profissionais de saúde sobre doação de órgãos após morte cardíaca.	573 participantes	REME	B1
Bispo et al. (2016)	Doação de órgãos: uma perspectiva de graduandos de enfermagem.	57 alunos	Revista Bioética	B4
Cajado & Franco (2016)	Doação de órgãos e tecidos para transplantes: impasses subjetivos diante da decisão Familiar.	10 familiares	Revista Baiana de Saúde Pública	B3

Autor(es)/Ano	Estudo	Amostragem	Periódico	Qualis
Fonseca et al. (2016)	Situações difíceis e seu manejo para doação de órgãos.	24 coordenadores	Revista Portuguesa de Enfermagem de Saúde Mental	B4
Santos et al. (2016)	Aspectos éticos dos transplantes de órgãos na visão dos estudantes de medicina: um estudo comparativo.	190 estudantes	Revista Bioética (Imprn)	A2
Silva et al. (2016)	Condicionantes da motivação para a doação de órgãos: uma análise à luz do marketing social.	26 participantes	Revista Teoria e Prática em Administração	B4
Rossato et al. (2017)	Doar ou não doar: visão de familiares frente à doação de órgãos.	13 participantes	Boletim Academia Paulista de Psicologia	A4
Costa et al. (2018)	Intenção de doar órgãos em estudantes de enfermagem: influência do conhecimento na decisão.	203 alunos	Boletim Academia Paulista de Psicologia	A4
da Silva et al. (2018)	Comissão intra-hospitalar de doação de órgãos e tecidos para transplante: vivência de enfermeiros.	11 enfermeiros	Revista de Enfermagem UERJ	A4
Silva et al. (2019)	As representações sociais da doação de órgãos para estudantes universitários: tensões e dimensões.	15 estudantes	Psicologia em Pesquisa – Juiz de Fora	A4
Souza et al. (2019)	Representações sociais sobre doação de órgãos.	100 participantes	Boletim e Academia Paulista de Psicologia	A4

Quadro 2. O que é e como é vista a doação de órgãos

Autor(es)/Ano	Objetivo do estudo	Principais achados	Metodologia
Araújo & Siqueira (2016)	Analisar a atitude médica no hospital e enfermagem frente à doação de órgãos, fatores que podem afetar essa atitude.	86,4% eram a favor da doação de falecidos enquanto 11,1% não tinham certeza e 2,5% eram contra.	Quantitativa
Bedenko et al. (2016)	Avaliar o conhecimento e a aceitação da população e dos profissionais que trabalham em unidades de terapia intensiva sobre a doação de órgãos após morte cardíaca	Apesar da necessidade de maiores esclarecimentos frente a doação de órgãos, 80% da população estudada, tem intenção, apreciam a doação de órgãos.	Quantitativa
Bispo et al. (2016)	Identificar o conhecimento de graduandos de enfermagem sobre doação de órgãos e o desejo de ser ou não doador.	Os estudantes apresentam atitude positiva frente à doação de órgãos e solidariedade em relação à manutenção da vida.	Mista
Campos et al. (2011)	Problematizar os aspectos bioéticos e culturais que envolvem a doação de órgãos na cidade de Cachoeiro de Itapemirim.	64,8% dos entrevistados pensaram na possibilidade de doar seus órgãos, porém somente 21,3% disseram ser doadores de órgãos e tecidos.	Mista
Schirmer et al. (2007)	Conhecer a opinião dos alunos do último ano do ensino médio.	163 estudantes que a doação seja presumida e 147 consentida. Do total, 86% detêm certo conhecimento na doação e 95% são doadores.	Qualitativo
Costa et al. (2018)	Identificar o conhecimento dos estudantes de enfermagem acerca do processo da doação de órgãos e fatores associados.	A maioria dos discentes tem conhecimento adequado sobre doação de órgãos e apreciam ser doadores órgãos, inclusive, de parentes falecidos.	Quantitativa
Freire et al. (2015)	Analisar a percepção de doadores e de potenciais doadores de órgãos do Estado de MG, acerca das estratégias de marketing social adotadas pelo governo.	92,2% dos pesquisados tiveram acesso a alguma campanha de doação de órgãos, entre 60,4% não recordaram a mensagem vinculada.	Mista
Gomes et al. (2010)	Descrever o processo de doação de órgãos, implicações, responsabilidade social, atuação da enfermagem e, o entendimento consciente da população.	A pesquisa mostrou que a maior parte da população compreende a doação de órgãos, devido aos meios de comunicação e não pela devida informação de profissionais de saúde.	Quantitativa

Atitudes frente à doação de órgãos

Autor(es)/Ano	Objetivo do estudo	Principais achados	Metodologia
Santos et al. (2012)	Desvelar o significado atribuído pelos profissionais de saúde que atuam em serviços de procura de órgãos à entrevista familiar	Importante ter profissionais capacitados para entrevista, clareza sobre a morte encefálica e sensibilidade para o momento adequado de abordagem à família.	Qualitativa
Santos et al. (2016)	Avaliar e comparar o conhecimento e a opinião dos estudantes de medicina (1º e 4º ano) acerca dos aspectos éticos relacionados à temática dos transplantes de órgãos.	A maioria dos alunos doariam os órgãos do parente, se for de vontade do falecido em vida. 85% acreditam na possibilidade do comércio de órgãos e 25% não. 80% acreditam na solidariedade para doar.	Quantitativa
Mazzia et al. (2015)	Avaliar as principais dúvidas sobre o processo de doação de órgãos e transplante, esclarecer dúvidas, educando os entrevistados frente as perguntas.	297 participantes já ouviram falar de doação de órgãos, 81% apreciam a doação, 78% acreditam em tráfico de órgãos no Brasil	Quantitativa
Monteiro et al. (2011)	Conhecer a perspectiva dos adolescentes sobre doação de órgãos.	Para os adolescentes do Recife há carência de conhecimento acerca da doação de órgãos.	Qualitativa
Moraes et al. (2015)	Compreender as experiências e expectativas dos enfermeiros de unidades de terapia intensiva no cuidado ao doador de órgãos para transplante e à sua família.	O cotidiano dos enfermeiros é permeado por obstáculos, por desconfiança de diagnóstico e por inabilidade de comunicação da morte encefálica	Qualitativa
Neto et al. (2012)	Avaliar o conhecimento de estudantes de medicina acerca da doação de órgãos, a responsabilidade acerca dos cuidados em saúde frente a doação para população.	94,2% estudantes declararam ter conhecimento através de veículos de comunicação de massa e 85,4% são doadores de órgãos e tecidos e, destes, 58,5% já manifestaram sua decisão a terceiros.	Quantitativa
Teixeira et al. (2012)	Avaliar a influência do conhecimento sobre morte encefálica dos pacientes do Centro de Saúde Escola do Marco, órgão vinculado à Universidade do Estado do Pará.	19,9% souberam informar o que é morte encefálica, 85,3% acreditam que o médico pode se equivocar na firmiação do estado de morte encefálica de um paciente e 18,4% confiavam no diagnóstico de morte encefálica.	Quantitativa
da Silva et al. (2018)	Compreender as vivências de enfermeiros de uma CIHDOTT hospitalar privada da Zona da Mata Mineira.	Marcados por inseguranças frente as famílias emocionalmente frágeis, e o desconhecimento do processo por parte da família.	Qualitativa
Duarte et al. (2002)	Pesquisar a opinião pública e atitudes em relação à doação e transplante de órgãos em uma região do estado de SP	90% dos entrevistados concordaram com transplantes de doadores vivos, enquanto 82% concordaram com o transplante de doadores vivos não aparentados. 82% conheciam o diagnóstico de morte encefálica e discordavam com o diagnóstico como critério para a doação.	Quantitativa
Galvão et al. (2007)	Analisar o conhecimento e a opinião de estudantes de medicina sobre doação e transplante de órgãos.	A intenção de ser doador <i>post mortem</i> foi de 89% e intervivo de 90%, apenas 62% sabiam dos riscos da doação intervivo. 70% dos estudantes admitiram conhecimento regular, ruim ou péssimo do assunto, 90,2% consideraram importante o tema. 76,9% consideraram o consentimento o melhor critério de doação	Qualitativa
de Moraes et al. (2006)	Identificar conhecimento, crenças comportamentais e normativas de estudantes de nível médio sobre transplante e doação de órgãos, em duas escolas da rede pública do município de São Paulo	45,8% desconhecem o conceito de morte encefálica; 37,2% não sabem quando a morte ocorre e 70,3% não sabem quando uma pessoa se torna potencial doador. 85% dos participantes apontam crenças positivas em relação à doação de órgãos. Solidariedade, amor, desprendimento,	Mista

Autor(es)/Ano	Objetivo do estudo	Principais achados	Metodologia
		altruísmo, responsabilidade social, alívio, satisfação e paz de espírito pós doação.	
Tessmer et al. (2007)	Examinar a compreensão do público sobre morte encefálica e como o termo a morte cerebral afeta as decisões sobre a doação de órgãos.	80,1% autorizariam a doação de órgãos de um parente que já havia declarado disposição para fazê-lo. Quando o termo morte foi substituído por morte cerebral, a disposição para doar diminuiu 20%	Qualitativa
de Almeida et al. (2003)	Identificar a atitude de graduandos de Enfermagem acerca da doação de órgãos e o conhecimento dos mesmos sobre a legislação específica em vigor.	Os graduandos apresentaram atitude positiva com relação à doação de órgãos, expressa na solidariedade com a “Manutenção da Vida”. Coexiste vulnerabilidade, “Desconfiança” no sistema.	Qualitativa
Afonso et al. (2004)	Avaliar o conhecimento e a opinião dos alunos de medicina PUC-SP	Aproximadamente 90% autorizariam a recuperação de órgãos de seus familiares, mas 27% nunca discutiram sobre a doação de órgãos com suas famílias. A maioria dos alunos eram interessados nos aspectos gerais da doação e obtenção de órgãos (88,36%). 69,80% conhecem o conceito de morte encefálica.	Quantitativa
Dutra et al. (2004)	(1) Qual conhecimento dos alunos sobre doação clínica; (2) compromisso dos alunos com doar órgãos; e (3) Verificar se este compromisso varia de acordo com as diferentes crenças religiosas.	Quanto à disposição de doar órgãos, 69,2% eram doadores. 51,1% o motivo para não doar foi a falta de confiança no sistema de saúde, 14,3% conheciam do assunto, 17,7% preocupados com a remoção de órgãos antes da morte encefálica, e 1,7% razões religiosas.	Quantitativa
Amaral et al. (2002)	Levantar conceitos e atitudes dos professores de medicina para a doação de órgãos e alocação.	87% dos professores de medicina doariam seus órgãos, 74% informaram a família. Um terço dos professores não conhece a lei de doação e tem dificuldade em diagnosticar morte cerebral, o que pode gerar medo de notificar os potenciais doadores, e para lidar com a clínica apoio dos doadores.	Quantitativa
Coelho et al. (2007)	Determinar a opinião e o conhecimento, de uma amostra da população da cidade de Curitiba, sobre doação e transplante de órgãos.	87,8% eram favoráveis à doação de órgãos. A maioria 85% demonstraram não confiar no sistema de distribuição de órgãos e no diagnóstico de morte encefálica.	Quantitativa
Peron et al. (2004)	Avaliar a consciência e as opiniões de estudantes universitários sobre aspectos da lei no. 10.221 / 01.	47,7% cientes do tipo de doação estabelecido pela nova lei de transplantes (doação consentida), enquanto 43,8% desconhecem a lei. apenas 40,0% (n=279) dos graduandos sabem que é necessário notificar a família do desejo de ser doador, para que a doação consentida seja alcançada.	Quantitativa
Bendassolli (2001)	Levantar as principais razões que levam estudantes universitários a doarem seus órgãos para transplante e as relações entre a doação de órgãos, o medo da morte e a religião dos participantes.	Desejo de continuar a vida do outro; dar qualidade de vida; inutilidade do corpo após a morte. A não doação, desconfiança no sistema de saúde, leis, morte premeditada e contrabando de órgãos. Sem relação com religião	Mista

RESULTADOS

Os estudos de 2007, 2012, 2015 e 2016 são focados na investigação das atitudes frente à doação de órgãos (Figura 2). Em relação à distribuição por estado, destaca-se a região sudeste (SP, RJ e MG) e o estado do RS (Figura 3).

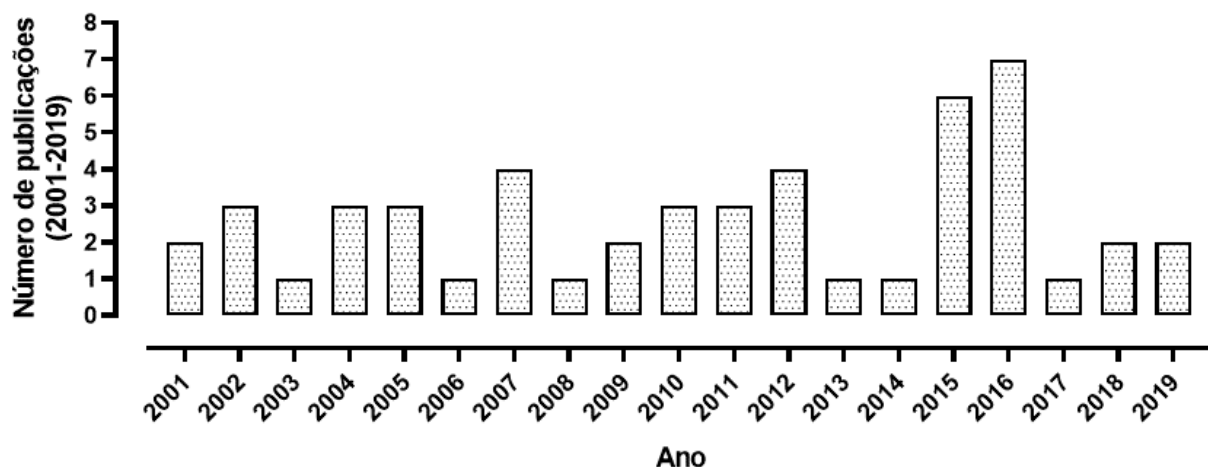


Figura 2. Gráfico representativo do número de publicações empíricas no Brasil no período compreendido entre os anos de 2001 e 2019.

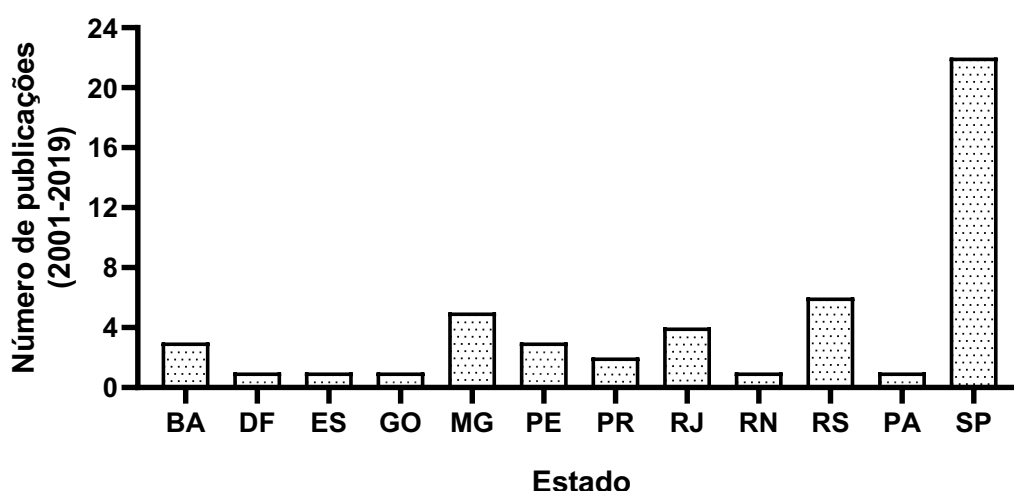


Figura 3. Gráfico representativo do número de publicações em alguns Estados brasileiros no período compreendido entre os anos de 2001 e 2019.

Os principais achados dos estudos, em relação aos tipos de atitudes frente à doação de órgãos, foram agrupados, (Figura 4), envolvendo 50 artigos listados nas tabelas 2,3,4 e 5.

Categoria 1 - O que é e como é vista a doação de órgãos?

Os artigos incluídos nesta categoria abordam o significado da doação de órgãos por parte dos familiares e a percepção de profissionais de saúde (Quadro 2).

Limitações: (1) da Silva et al., (2018), de Almeida et al., (2003), Galvão et al., (2007), Monteiro et al., (2011), Moraes et al., (2015) apresentaram coletas de dados sujeitas à subjetividade por parte dos entrevistados; (2) de Almeida et al., (2003), de Moraes et al., (2006), Neto et al., (2012), Santos et al.

(2016), Teixeira et al., (2012) sem equivalência na seleção da amostragem, podendo desfavorecer os resultados dos grupos avaliados e/ou dos dados sociodemográficos (e.g., gênero, idade, estado civil, entre outros).

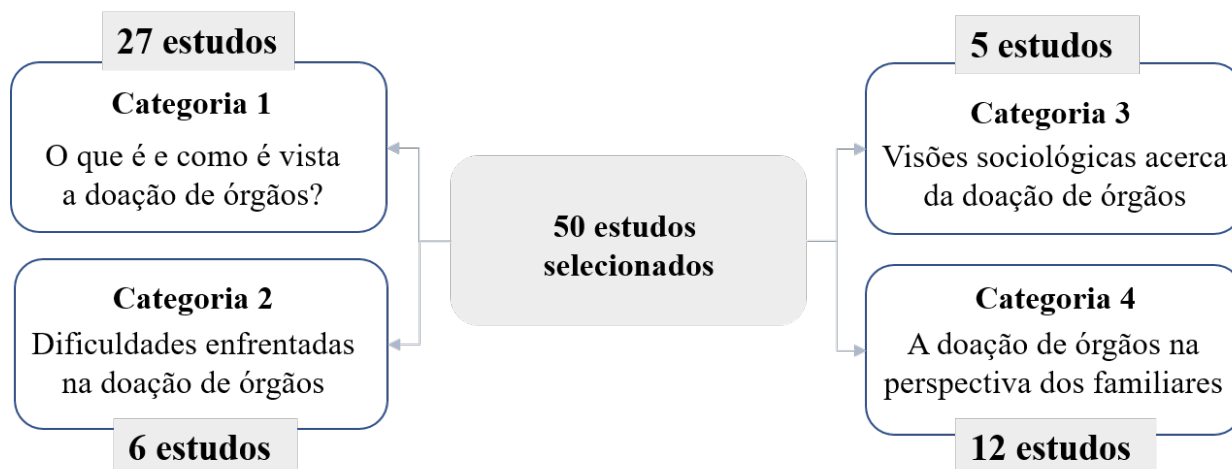


Figura 4. Os 50 estudos analisados e distribuídos em 4 categorias.

Categoria 2 – Dificuldades encontradas na doação de órgãos

Nesta categoria, as dificuldades enfrentadas para aceitação da morte de um parente são a falta de capacitação e o despreparo dos profissionais de saúde para lidar com o possível doador (Quadro 3).

Limitações: Fonseca e Tavares (2015), Fonseca et al. (2016), Quintana e Arpini (2009), Rodrigues e Sato (2002) apresentaram coletas de dados sujeitas à subjetividade por parte dos entrevistados, o que pode gerar um viés de informação.

Categoria 3 – Visões sociológicas sobre a doação de órgãos

Nesta categoria, cinco estudos discutem e apontam valores morais como empatia, solidariedade, altruísmo e compaixão associados ao processo de doação de órgãos (Quadro 4).

Quanto às limitações, os estudos de Fonseca e Carvalho (2005), Silva et al. (2016) e Silva et al. (2019) apresentaram coletas de dados sujeitas à subjetividade por parte dos entrevistados. O estudo de Souza et al. (2019) não apresentou equivalência na seleção da amostragem, o que desfavorece a análise dos resultados na perspectiva dos grupos avaliados e/ou dos dados sociodemográficos.

Categoria 4 - A Doação de Órgãos na Perspectiva dos Familiares

No caso de doador de órgãos intervivos, o potencial doador tende a ser bastante influenciado pelos membros da família a qual pertence. Nesta categoria, os doze (12) estudos buscam entender como os membros da família, do potencial doador, compreendem o processo de decisão de doar, ou não, órgãos (Quadro 5).

Quanto às limitações, Bouso (2008), Fernandes et al., (2015), Lira et al. (2012), Sadala (2001), Santos e Massarollo (2005) apresentaram coletas de dados sujeitas à subjetividade por parte dos entrevistados. A maioria dos estudos apresentou reduzido tamanho amostral.

Quadro 3. Dificuldades encontradas na Doação de órgãos

Autor(es)/Ano	Objetivo do estudo	Principais achados	Metodologia
Barcellos et al. (2005)	Identificar prevalência da população de doar órgãos, associados aos fatores positivos e negativos.	52% disposição de doar seus órgãos e 58% informaram desejo aos familiares em doar. Mais de 80% manifestam apreciação para doação. Aspectos culturais influenciam na tomada de decisão.	Mista
Fonseca et al. (2016)	Identificar os fatores, situações representativas de situações difíceis em relação aos coordenadores avançados frente à entrevista familiar.	O ambiente inadequado, falta de sensibilidade no processo de comunicação à família, assistência inadequada identificados. Falta de preparo técnico dos profissionais.	Qualitativa
Fonseca & Tavares (2015)	Conhecer como os 24 coordenadores avançados em transplantes manejam as emoções manifestas na entrevista familiar para doação de órgãos.	Observou-se ausência das emoções no processo de entrevista familiar, sendo que a maioria destes manejos refletiu ao bloqueio/abafamento das emoções por parte dos profissionais na relação familiar.	Qualitativa
Pompeu et al. (2014)	Determinar as principais variáveis envolvidas na negativa da doação de tecido ósseo em familiares doadores de órgãos e a prevalência da doação desse tecido.	92,9% desconhecimento sobre quais ossos seriam retirados e 96,5%a reconstituição destas estruturas e aparência do corpo. A apreciação de doadores de tecido ósseo foi de 17,2%.	Mista
Quintana & Arpini (2009)	Realizar uma aproximação às representações construídas em face da doação de órgãos, procurando identificar aqueles fatores à recusa da doação.	Resistência à doação: dificuldade de aceitação da morte (um filho), identificação da morte com a morte clínica, integralidade do corpo da pessoa falecida. “Favorecimento” a, confiança e o falecido ter declarado em vida doador.	Qualitativa
Rodrigues & Sato (2002)	Analisar o conhecimento e atitude da população sobre o transplante de córneas e as principais deficiências e aumento do número de doações.	79,4% diziam-se doadores de córneas e outros 20,6% não. Da não-doação: 24 (36,4%) a religião limita a doação, 7 (23%) motivos pessoais e, para 35 (53%) o medo e insegurança e falta de conhecimento.	Qualitativa

Quadro 4. Visões Sociológicas Sobre a Doação de Órgãos

Autor(es)/Ano	Objetivo do estudo	Principais achados	Metodologia
Rezende et al. (2015)	Analisar as ações de marketing social em prol da doação de órgãos, a fim de identificar a percepção de doadores e potenciais doadores de órgãos, residentes na região metropolitana MG, frente às estratégias de marketing social adotadas pelo governo.	81% apreciam a doação de órgãos. 40,3% apresentam medo, insegurança frente ao diagnóstico de morte encefálica. 16,9% pensam estar incentivando tráfico de órgãos. 60,4% já informaram ser ou não doadores em vida e 92% já ouviram campanhas sobre a doação.	Mista
Silva et al. (2016)	Identificar como o marketing social exerce influência na motivação dos indivíduos no que tange a autorização para a doação de órgãos.	A doação de órgãos seria negada caso em vida o falecido tivesse manifestado desinteresse pela doação. O marketing tem muita importância para produção informativa de campanhas sobre o processo de doação.	Qualitativa
Souza et al. (2019)	Identificar as representações sociais sobre doação de órgãos entre usuários do Sistema Único de Saúde de uma capital brasileira, bem como verificar a intenção de serem doadores e fatores relacionados a tal intenção entre os participantes do estudo.	Os resultados demonstraram que a doação de órgãos é compreendida como um ato de amor, que possibilita a vida e tem como função ajudar, além disso, foi possível perceber que a informação inadequada e o incentivo da família acabam influenciando na decisão de doar ou não órgãos de um familiar.	Mista
Silva et al. (2019)	Conhecer as representações sociais sobre a doação de órgãos para 100 estudantes universitários.	As representações sociais revelam tensões que carregam antagonismos e dualidades, como: morte e vida, perder e salvar, além de aparecerem associadas ao medo, insegurança e desconfiança quanto à realização do processo.	Qualitativa
Fonseca & Carvalho (2005)	Descrever as representações sociais de uma comunidade hospitalar acerca da doação de órgãos para transplantes.	A doação envolve a ideia de que a vida agrupa noções de cura, de resgate da qualidade de vida e a solidariedade está ligada à doação de órgãos, “empatia”.	Qualitativa

Quadro 5. A doação de Órgãos na Perspectiva dos familiares

Autor(es)/Ano	Objetivo do estudo	Principais achados	Metodologia
Bousso (2008)	Compreender o processo de decisão familiar sobre a doação de órgãos do filho considerado doador potencial; identificar os significados para família doadora.	Este estudo demonstrou que, quando o contexto promove a aceitação do sofrimento, acolhe dúvidas, proporciona tempo para a família compartilhar ideias e sentimentos, facilita o acesso ao suporte social, oferece as informações necessárias, a família experimenta recuperação na qual o processo de decisão acontece com menos conflito.	Qualitativa
Moraes & Massarollo (2009)	Conhecer a percepção de familiares de falecidos doadores motivos de recusa.	10 motivos de recusa, considerados pela família: crenças religiosas, medo e repreensão familiar, dúvidas diagnósticas, mutilação corporal, desconfiança no sistema, declaração do falecido em vida ser doador.	Qualitativa
Cinque & Bianchi (2010a)	Identificar facilidades e dificuldades das famílias para a tomada de decisão quanto à doação de órgãos.	62,50% o altruísmo e a participação de toda família favorável no processo de doação, 18,5% as famílias contrárias, 12,50% dúvida no diagnóstico, 87% fariam doação novamente.	Mista
Cinque & Bianchi (2010b)	Conhecer os estressores ao diagnóstico de M.E, frente a doação de órgãos	31,25% Insatisfação atendimento, 62,5% comunicação de diagnóstico de forma inadequada, 60,50% demoram na entrega do corpo para sepultamento.	Qualitativa

Atitudes frente à doação de órgãos

Autor(es)/Ano	Objetivo do estudo	Principais achados	Metodologia
Santos & Massarollo (2005)	Desvelar a percepção de familiares de doadores, falecidos sobre o processo de doação de órgãos.	Para familiares, a situação vivenciada é sofrida e estressante, mas não há arrependimento quanto à doação dos órgãos. Embora a dor da perda não termine, a atitude da doação conforta e traz satisfação.	Qualitativo
Santos & Massarollo (2011)	Desvelar a percepção de profissionais que trabalham na OPO: dificuldades na entrevista familiar.	Os fatores que facilitam e dificultam a entrevista familiar insensibilidade por parte dos profissionais de saúde, e falta de estrutura física e, o potencial doador em vida ter declarado ser doador.	Qualitativa
Lira et al. (2012)	Compreender as representações sociais acerca da decisão familiar de recusar doação de órgãos, identificar variáveis sociais influenciadoras para recusa.	O modelo de atenção rasa, é decisivo na recusa da doação; corpo inviolável e crença de recuperação à vida; coração batendo é esperança; a recusa da doação reflete falta de competência ao atendimento dos profissionais do hospital, bem como fatores religiosos.	Qualitativa
Pessoa et al. (2013)	Avaliação das causas de recusa familiar para doação de órgãos e tecidos.	O atenuante de recusa, é a dúvida do diagnóstico da morte encefálica (21%), religiosidade (19%), falta de competência técnica ((19%), demora na conclusão (10%), Falecido não declarou ser doador (9%), mutilação do corpo (5,2%), sepultar como veio ao mundo (3,4%), atendimento ruim (3,4%) divergência familiar na decisão(3,4%)experiência frente ao processo de doação ruim(1,7%)transferência do corpo(1,7%)	Mista
Fernandes et al. (2015)	Identificar as vivências e os sentimentos dos doadores em uma unidade transplantadora frente ao processo de doação de órgãos	Os 12 familiares apontaram pouca sensibilidade por parte dos profissionais de saúde na comunicação do diagnóstico de morte do falecido da família.	Qualitativa
Cajado & Franco (2006)	Revelar os impasses intervenientes em familiares e profissionais que participaram do processo de doação de órgãos.	Os familiares apresentaram dificuldades na compreensão da morte encefálica e a falta de profissionais competentes para o amparo e acolhimento familiar frente a dor dos familiares enlutados. Os profissionais relatam dificuldades no manego da emoção de ambos as partes.	Qualitativa
Rossato et al. (2017)	Identificar e compreender motivações influentes para famílias apreciarem ou não, a doação de órgãos.	As motivações de cunho negativo estão na não declaração do falecido em vida ter dito ser doador, e a motivação para doar, no fato dos órgãos do falecido estar vivo fazendo outra pessoa viver.	Qualitativa
Sadala (2001)	Investigar a perspectiva de familiares de doadores de órgãos após consentimento.	O apoio e a orientação aos familiares, pelos profissionais envolvidos no processo de colheita de órgãos, são essencialmente positivos no processo.	Qualitativa

DISCUSSÃO

Mesmo com avanços inovadores e tecnológicos importantes para o contexto da doação de órgãos na sociedade, ainda parecem complexas as subjetivas e intersubjetivas ideias frente às famílias com relação às atitudes de doação de órgãos para transplantes (Bedenko et al., 2016; Bispo et al., 2016; Campos et al., 2011; de Jesus et al., 2016; Freire et al., 2015; Gomes et al., 2010; Monteiro et al., 2011; Moraes, et al., 2015; Neto et al., 2012).

A entrevista familiar é apontada como a etapa mais importante na efetivação da doação, no contexto hospitalar, por ser em um prazo tão curto (Moraes & Massarollo, 2009). São muitas as variáveis que envolvem o processo de abordagem e anuência frente à doação. Estas *variáveis* envolvem desde a habilidade de comunicação, a existência de ambiente adequado para a realização da referida abordagem, o esclarecimento de diagnóstico de morte encefálica, e, principalmente, a sensibilidade por parte dos profissionais de saúde frente às famílias para que aconteça um desfecho positivo na doação (Rossato et al., 2017). Junta-se, também, a estes fatores, a dificuldade na aceitação da morte de um parente (Quintana & Arpini, 2009). A entrevista familiar para doação de órgãos deve ser realizada por um profissional qualificado e competente para tal. Isso se deve em parte às complexidades subjetivas e culturais que envolvem o processo decisório (Roza, 2005). O conhecimento esclarecido por parte dos profissionais de saúde envolvidos nos processos de doação e captação de órgãos, em tempo hábil efetivo e de maneira positiva, pode resultar em uma doação sem resíduos desconfortáveis de comunicação, pelo domínio do conceito de morte encefálica e pelo acolhimento familiar (Santos & Massarollo, 2011). A qualidade do suporte emocional oferecido aos familiares pela equipe de saúde, e o repasse de informações essenciais ao processo decisório podem facilitar o enfrentamento da morte e aumentar a possibilidade de aceite para a doação de órgãos (Amazonas et al., 2021).

Alguns estudos alertam para o desconhecimento da população acerca do processo de doação e transplante de órgãos, especificamente, por parte de potenciais doadores, de profissionais e de estudantes da área de saúde (Santos & Massarollo, 2011). Os pesquisadores sugerem o desenvolvimento de medidas educativas coletivas que visem à desmistificação de preconceitos em relação à doação de órgãos. Um ponto prioritário é incentivar a doação, preferencialmente, em vida, a fim de evitar desconforto aos familiares em relação à decisão sobre a doação de órgãos, pós-morte (Furtado et al., 2021).

Por fim, deve-se investir a qualificação de profissionais de saúde, especificamente, para atuação no processo de captação e transplante de órgãos. Neste contexto, diferentes tipos de propagandas (governamentais, sociais e educativas) podem atuar como recurso para a formação da opinião pública – visando trazer transparência e robustez ao processo de doação de órgãos.

Os estudos reforçam que a disponibilidade, receptividade e capacidade comunicativa dos profissionais de saúde influenciam em relação ao processo decisório da doação de órgãos, seja para a autorização ou negação (Souza et al., 2019). A linguagem acompanhada de atitude empática e sensibilidade para com a dor da família, por parte dos profissionais de saúde, é um momento decisivo e ao mesmo tempo desconhecido para os enfermeiros, médicos, psicólogos e familiares (Santos & Massarollo, 2011; Pessoa et al., 2013; Cajado & Franco, 2016). A atitude profissional, o conhecimento técnico por parte dos enfermeiros, médicos, assistentes sociais e psicólogos, contribuem para se conseguir uma doação efetiva (Fonseca et al., 2016). A pré-disposição empática como atributo diferencial no acolhimento por parte dos profissionais de saúde frente às famílias, bem como a compreensão desenvolvida, a seu tempo, para a aceitação da morte, são importantes na decisão para a doação de órgãos (Moraes et al., 2015). Por fim, a ausência de empatia e o mínimo de compaixão nesse processo pode ser decisivo em positivar, ou negativar, a doação por parte das famílias (Monteiro et al., 2010).

A doação de órgãos é consolidada em razão de atitudes solidárias, incondicionalidade, atitudes de desprendimento e, até mesmo, de renúncia – uma verdadeira virtude social por parte de quem doa,

frente à dura realidade da morte encefálica (Roza et al., 2009). O universo das diretrizes envolvendo a ética e moral, no processo de doação de órgãos para transplantes, aponta o enfermeiro e os médicos como os mediadores principais para atuarem com as famílias enlutadas, por serem estes, coadjuvantes no trato do paciente no leito, agora falecido (Santos et al., 2014).

O que se pode concluir, é que o processo de doação e de transplante de órgãos apontam complexidades e fragilidades, obstáculos socioeconômicos e aspectos morais/éticos, além de profundas repercussões socioemocionais em relação aos protagonistas envolvidos nesse processo (familiares do doador, equipe médica e receptor). Atitudes altruísticas e empáticas, bem como a solidariedade, a compaixão, a religião e a qualificação/humanização dos profissionais de saúde que intermedeiam a captação e o transplante de órgãos em si, podem trazer maior confiança acerca das atitudes na doação.

Embora cada família apresente aspectos heterogêneos e particularidades em se tratando das crenças, valores, frente ao binômio vida/morte, nessa revisão, foi possível observar uma tendência de atitude solidária, ou até mesmo altruística, apesar das muitas dúvidas ainda existentes.

Quanto ao papel do Psicólogo, este profissional tem sua mediação secundária ou restrita para o processo de finalização para a doação de órgãos, sendo solicitado, apenas, em possíveis situações de conflito ou descontrole emocional entre as partes envolvidas. É plausível pensar que esse profissional pode ter, portanto, um papel de gerenciador e de mediador de conflitos, trazendo melhor embasamento ao processo.

Por fim, esse estudo não contemplou dissertações, teses, monografias nem documentos governamentais. Assim, recomenda-se que estudos futuros ampliem o escopo de busca, incluindo outros tipos de pesquisas ou documentos relativos à temática.

Registro Prospero: CRD42021225805

REFERÊNCIAS

- Afonso, R. C., Buttros, D. A. B., Sakabe, D., Paranhos, G. C., Garcia, L. M. C., Resende, M. B., & Ferraz-Neto, B. H. (2004). Future doctors and brain death: what is the prognosis? *Transplant Proc.*, 36(4), 816-817. <https://doi.org/10.1016/j.transproceed.2004.03.065>.
- Allport, G. W. (1935). Attitudes. In C. Murchison (Ed.), *Handbook of Social Psychology* (pp.798-844), Clark University Press.
- Almeida, K. C. D., Tipple, A. F., Bachion, M. M., Leite, G. R., & Medeiros, M. (2003). Doação de órgãos e bioética: construindo uma interface. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 56(1), 1823. https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S003471672003000100004&script=sci_abstract&tlng=es
- Amaral, A. S. R., Roza, B. A., Galvão, F. H. F., Jardim, K. M., & Medina-Pestana, J. O. (2002, March). Knowledge of organ donation among one group of Brazilian professors of medicine. *Transplantation Proceedings*, 34(2), 449-450. [https://doi.org/10.1016/s0041-1345\(02\)02591-5](https://doi.org/10.1016/s0041-1345(02)02591-5)
- Amazonas, M. A. M., dos Santos, J. S., Araujo, J. C., Souza, A. T. A. C., Coelho, M. B., dos Santos, J. P. S., Souza, E. J. F., Silva, W. G. C., Castilho, N. M. O., & Figueiredo, S. N. (2021). Doação de órgãos: dilemas dos familiares na doação de órgãos. *Revista Eletrônica Acervo Saúde*, 13(1), e5871-e5871. <https://doi.org/10.25248/reas.e5871.2021>
- Ajzen, I., & Fishbein, M. (2000). Atitudes e a relação atitude-comportamento: Processos racionais e automáticos. *European Review of Social Psychology*, 11(1), 1-33. <https://doi.org/10.1080/14792779943000116>
- Araujo, C., & Siqueira, M. (2016). Brazilian healthcare professionals: a study of attitudes toward organ donation. *Transplantation Proceedings*, 48(10), 3241-3244. <https://doi.org/10.1016/j.transproceed.2016.09.044>

- Barcellos, F. C., Araujo, C. L., & Da Costa, J. D. (2005). Organ donation: a population-based study. *Clinica ltransplantation*, 19(1), 33-37. <https://doi.org/10.1111/j.1399-0012.2005.00280.x>
- Batson, C. D., & Powell, A. A. (2003). Altruism and prosocial behavior. In T. Millon & M. J. Lerner (Eds.), *Handbook of psychology: personality and social psychology* (Vol. 5, pp. 463-484). John Wiley & Sons. <https://doi.org/10.1002/0471264385.wei0519>
- Bendassolli, P. F. (2001). Percepção do corpo, medo da morte, religião e doação de órgãos. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 14(1), 225-240. <https://doi.org/10.1590/S0102-79722001000100019>
- Bedenko, R. C., Nisihara, R., Yokoi, D. S., Candido, V. de M., Galina, I., Moriguchi, R. M., Ceulemans, N., & Salvalaggio, P. (2016). Análise do conhecimento da população geral e profissionais de saúde sobre doação de órgãos após morte cardíaca. *Revista Brasileira de Terapia Intensiva*, 28(3), 285-293. <https://doi.org/10.5935/0103-507X.20160043>
- Bispo, C. R., Lima, J. C., & de Oliveira, M. L. C. (2016). Doação de órgãos: uma perspectiva de graduandos de enfermagem. *Revista Bioética*, 24(2), 386-94. <https://doi.org/10.1590/1983-80422016242139>
- Boey, K. W. (2002). A cross-validation study of nurses' attitudes and commitment to organ donation in Hong Kong. *International Journal of Nursing Studies*, 39(1), 95-104. [https://doi.org/10.1016/S0020-7489\(00\)00118-8](https://doi.org/10.1016/S0020-7489(00)00118-8)
- Bouso, R. S. (2008). O processo de decisão familiar na doação de órgãos do filho: uma teoria substantiva. *Texto & Contexto-Enfermagem*, 17(1), 45-54. <https://doi.org/10.1590/S0104-07072008000100005>
- Cajado, M. C. V., Lins, A., & Franco, S. (2016). Doação de órgãos e tecidos para transplantes: impasses subjetivos diante da decisão familiar. *Revista Baiana de Saúde Pública*, 40(2). <https://doi.org/10.22278/2318-2660.2016.v40.n2.a2164>
- Campos, H. L. M. (2011). Conhecimento sobre doações de órgãos e tecidos na população de Cachoeiro de Itapemirim/ ES. *Enfermagem Brasil*, 10(3), 161-167. <https://doi.org/10.33233/eb.v10i3.3858>
- Cantwell, M., & Clifford, C. (2000). English nursing and medical students' attitudes towards organ donation. *Journal of advanced nursing*, 32(4), 961-968. <https://doi.org/10.1046/j.1365-2648.2000.t01-1-01562.x>
- Cinque, V. M., & Bianchi, E. R. F. (2010a). A tomada de decisão das famílias para a doação de órgãos. *Cogitare Enfermagem*, 15(1), 69-73. <http://dx.doi.org/10.5380/ce.v15i1.17174>
- Cinque, V. M., & Bianchi, E. R. F. (2010b). Estressores vivenciados pelos familiares no processo de doação de órgãos e tecidos para transplante. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, 44(4), 996-1002. <https://doi.org/10.1590/S0080-62342010000400020>
- Coelho, J. C. U., Cilião, C., Parolin, M. B., Freitas, A. C. T. de., Gama Filho, O. P., Saad, D. T., Pistori, R. P., & Martone, D. (2007). Opinião e conhecimento da população da cidade de Curitiba sobre doação e transplante de órgãos. *Revista da Associação Médica Brasileira*, 53(5), 421-425. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-42302007000500018>
- Cruz, M. J. B. V. (2019). A autonomia da vontade na doação de órgãos e tecidos post mortem: uma análise à luz do decreto nº 9.175/2017. Governo Federal. Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde. <http://ri.ucs.br:8080/jspui/handle/prefix/866>
- de Abreu Fonseca, M. A. A., & Carvalho, A. M. (2005). Fragmentos da vida: representações sociais e doação de órgãos para transplantes. *Interações*, 10(20), 85-108. <https://www.redalyc.org/pdf/354/35402007.pdf>
- de Brito, L. D., & Prieb, R. G. (2012). Fatores de interferência no processo de doação de órgãos e tecidos: revisão da literatura. *Jornal Brasileiro de Transplantes*, 15(2), 1676-1681. <https://doi.org/10.53855/bjt.v15i2.180>

- de Jesus Santos, R., Lins, L., Santos, M. R. C., Menezes, M. S., De Carvalho, F. A. R., & Carvalho, F. M. (2016). Aspectos éticos dos transplantes de órgãos na visão do estudante de medicina: um estudo comparativo. *Revista Bioética*, 24(2), 344-354. <https://doi.org/10.1590/1983-80422016242135>
- de Oliveira, K. C. L., & Nihei, O. K. (2018). Doação de Órgãos: Fatores Dificultadores e Desafios. *Revista Pleiade*, 12(23), 2329. <https://pleiade.uniamerica.br/index.php/pleiade/article/view/384>
- Duarte, P. S., Pericoco, S., Miyazaki, M. S., Ramalho, H. J., & Abbud-Filho, M. (2002). Brazilian's attitudes toward organ donation and transplantation. *Transplantation Proceedings*, 34(2), 458-9. [https://doi.org/10.1016/s0041-1345\(02\)02595-2](https://doi.org/10.1016/s0041-1345(02)02595-2).
- Dutra, M. M. D., Bonfim, T. A. S., Pereira, I. S., Figueiredo, I. C., Dutra, A. M. D., & Lopes, A. A. (2004). Knowledge about transplantation and attitudes toward organ donation: a survey among medical students in northeast Brazil. *Transplantation Proceedings*, 36(4), 818-820. <https://doi.org/10.1016/j.transproceed.2004.03.066>.
- Fernandes, M. E. N., Bittencourt, Z.Z. L. C., & Boin, I. de F. S. F. (2015). Vivenciando a doação de órgãos: sentimentos de familiares pós consentimento. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, 23(5), 895-901. <https://doi.org/10.34019/1982-1247.2019.v13.27258>
- Freire, I. L. S., da Silva Dantas, B. A., de Lima Gomes, A. T., da Fonseca Silva, M., de Oliveira Mendonça, A. E., & de Vasconcelos Torres, G. (2015). Aspectos éticos e legais da doação de órgãos: visão dos estudantes de enfermagem. *Revista de Enfermagem do Centro-Oeste Mineiro*, 5(2). <https://doi.org/10.19175/recom.v0i0.706>
- Freire, I. L. S., Gomes, A. T. G., Silva, M. F., da Silva Dantas, B. A., Quithé, Q. L. D. A., & Torres, G. V. (2016). Aceitação e conhecimento de docentes de enfermagem sobre a doação de órgãos e tecidos. *Revista Enfermagem UERJ*, 24(1), e15561. <https://doi.org/10.12957/reuerj.2016.15561>
- Fonseca, P. I. M. N., & Tavares, C. M. D. M. (2015). O manejo das emoções dos coordenadores em transplantes na realização da entrevista familiar para doação de órgãos. *Revista portuguesa de enfermagem de saúde mental*, 39-44. <http://www.scielo.mec.pt/pdf/rpesm/nspe2/nspe2a07.pdf>
- Furtado, L. B. S., de Moraes Filho, I. M., de Sousa, T. V., de Roure, J. G. R., Lima, T. P., Arantes, A. A., da Silva, R.M., Pereira, M.C., & Filha, F. S. S. C. (2021). O papel do enfermeiro frente a casos de morte encefálica e doação de órgãos e tecidos. *Research, Society and Development*, 10(2), e0110212422. <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v10i2.12422>
- Garbim, A. L. D. O. (2019). Transplantes de órgãos e tecidos humanos no Brasil: uma contextualização bioética. <http://hdl.handle.net/11449/19237>
- Gomes, L. S., Ferreira, B. J., Knupp, M. V., Aniceto, S. C., & Cavalcanti, P. C. S. (2010). Doação de órgãos: responsabilidade social no exercício profissional da enfermagem. *Revista de Pesquisa: cuidado é fundamental online*. <https://doi.org/10.9789/2175-5361.2010.v0i0.%25p>
- Galvão, T. F., Pansani, T. S. A., & Harrad, D. (2015). Principais itens para relatar Revisões sistemáticas e Meta-análises: A recomendação PRISMA. *Epidemiologia e Serviços de Saúde*, 24(2), 335-342. <https://dx.doi.org/10.5123/S1679-49742015000200017>
- Galvão, F. H., Caires, R. A., Azevedo-Neto, R. S., Mory, E. K., Figueira, E.R.R., Otsuzi, T. S., Bacchella, T., & Machado, M.C.C. (2007). Conhecimento e opinião de estudantes de medicina sobre doação e transplante de órgãos. *Revista da Associação Médica Brasileira*, 53(5), 401-6. <https://doi.org/10.1590/S0104-42302007000500015>
- Gouveia, V. V., Athayde, R. A. A., Gouveia, R. S., de Brito, A. I. A. S., & de Souza, R. V. L. (2010). Escala de Altruísmo Autoinformado: evidências de validade de construto. *Aletheia*, (33), 30-44. <https://www.redalyc.org/pdf/1150/115021494004.pdf>
- Kent, B., & Owens, R. G. (1995). Conflicting attitudes to corneal and organ donation: a study of nurses attitudes to organ donation. *International journal of nursing studies*, 32(5), 484-492. [https://doi.org/10.1016/0020-7489\(95\)0009-M](https://doi.org/10.1016/0020-7489(95)0009-M)

- Lazzaretti, C. T. (2007). Dádiva da contemporaneidade: doação de órgãos em transplante intervivos. *Epistemosomática*, 4(1). http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1980-20052007000100005
- Lira, G. G., Pontes, C. M., Schirmer, J., & Lima, L. S. D. (2012). Ponderaciones de familiares sobre la decisión de rechazar la donación de órganos. *Acta Paulista de Enfermagem*, 25, 140-145. <https://doi.org/10.1590/S0103-21002012000900022>
- Mazzia, A. F. Z., Hoppen, C. M. S., Isquierdo, L. D. A., Bourlegat, M. L., Picasso, M. C., Kissmann, N., Gallo, R. B., Júnior, S. P. H., Guimarães, V. B., Garcia, C. D., Castro, E. D. C., & Garcia, V. D. (2015). What is organ donation and transplantation? Educating through the doubt. *Transplantation Proceedings*, 47(4), 879-881. <https://doi.org/10.1016/j.transproceed.2015.03.018>
- Ministério da Saúde. (2012). *Diretrizes metodológicas: elaboração de revisão sistemática e metanálise de ensaios clínicos randomizados*. Editora do Ministério da Saúde. <https://tinyurl.com/y3blmdcm>
- Moher, D., Liberati, A., Tetzlaff, J., Altman, D. G., The PRISMA Group (2009). Preferred reporting items for systematic reviews and meta-analyses: the prisma statement. *PloS Med*, 6(7), e1000097. <https://doi.org/10.1371/journal.pmed1000097>. Epub 2009 jul 21
- Moloney, G., Sutherland, M., Norton, M., & Walker, I. (2019). When is the gift given? Organ donation, social representations, and an opportunity to register. *Journal of Community & Applied Social Psychology*, 29(3), 207-221. <https://doi.org/10.1002/casp.2395>
- Moraes, M. W. D., Gallani, M. C. B. J., & Meneghin, P. (2006). Crenças que influenciam adolescentes na doação de órgãos. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, 40(4), 484-492. <https://doi.org/10.1590/S0080-62342006000400006>
- Monteiro, A.M. D. C., Fernandes, E. C., de Araújo, E. C., Cavalcanti, A. M. T. D. S., & Vasconcelos, M. G. D. L. (2011). Doação de órgãos: compreensão na perspectiva de adolescentes. *Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil*, 11(4), 389-396. <https://doi.org/10.1590/S1519-38292011000400005>
- Moraes, E. L., & Massarollo, M. C. K. B. (2009). Recusa de doação de órgãos e tecidos para transplante relatados por familiares de potenciais doadores. *Acta Paulista de Enfermagem*, 22(2), 131-135. <https://doi.org/10.1590/S0103-21002009000200003>
- Moraes, E. L. de, Neves, F. F., Santos, M. J., Merighi, M. A. B., & Massarollo, M. C. K. B. (2015). Experiências e expectativas de enfermeiros no cuidado ao doador de órgãos e à sua família. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, 49(spe), 129-135. <https://doi.org/10.1590/S0080-623420150000800018>
- Neto, J. A. C., Sirimarco, M. T., de Almeida Delgado, Á. A., Lara, C. M., & Lima, W. G. (2012). Estudantes de medicina e doação de órgãos para transplante. *HU Revista*, 38(1 e 2). <https://periodicos.ufjf.br/index.php/hurevista/article/view/1930>
- Parisi, N., & Katz, I. (1986). Attitudes toward posthumous organ donation and commitment to donate. *Health Psychology*, 5(6), 565. <https://doi.org/10.1037//0278-6133.5.6.565>
- Peron, A. L., Rodrigues, A. B., Leite, D. A., Lopes, J. L., Ceschim, P. C., Alter, R., Roza, B.A., Pestana, J.O., & Schirmer, J. (2004). Organ donation and transplantation in Brazil: university students' awareness and opinions. *Transplantation proceedings*, 36(4), 811-813. <https://doi.org/10.1016/j.transproceed.2004.04.040>
- Pessoa, J. L. E., Schirmer, J., & de Aguiar Roza, B. (2013). Avaliação das causas de recusa familiar a doação de órgãos e tecidos. *Acta Paulista de Enfermagem*, 26(4), 323-330. <https://doi.org/10.1590/S0103-21002013000400005>
- Pompeu, M. H., Silva, S. S., de Aguiar Roza, B., & Bueno, S. M. V. (2014). Fatores envolvidos na negativa da doação de tecido ósseo. *Acta Paulista de Enfermagem*, 27(4), 380-384. <https://doi.org/10.1590/1982-0194201400063>

- Quintana, A. M., & Arpini, D. M. (2009). Doação de órgãos: possíveis elementos de resistência e aceitação. *Boletim de psicologia*, 59(130), 91-102. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0006-59432009000100008&lng=pt&tlng=pt.
- Rezende, L. B. O., Sousa, C., Pereira, J. R., & Rezende, L. D. O. (2015). Doação de órgãos no Brasil: uma análise das Campanhas Governamentais sob a perspectiva do marketing social. *Revista Brasileira de Marketing*, 14(3), 362-376. <https://doi.org/10.5585/observação.v14i3.2902>
- Rezende, L. B. O., Veloso, C., Pereira, J. R., & Shigaki, H. B. (2020). Partes que Restauram Vidas: aspectos influenciadores da intenção de doar órgãos e validação nomológica de um modelo preditivo. *RAHIS-Revista de Administração Hospitalar e Inovação em Saúde*, 17(3), 134-154. <https://doi.org/10.21450/rahis.v17i3.5706>
- Rodrigues, A., Assmar, E. M. L., & Jablonski, B. (2015). *Psicologia Social*. Ed.Vozes.
- Rodrigues, A. M., & Sato, E. H. (2002). Conhecimento e atitude da população do Hospital São Paulo sobre doação de córneas. *Arquivos Brasileiros de Oftalmologia*, 65(6), 637-640. <https://doi.org/10.1590/S0004-27492002000600007>
- Rosenberg, M. J., Hovland, C. I., McGuire, W. J., Abelson, R. P., & Brehm, J. W. (1960). *Attitude organization and change: An analysis of consistency among attitude components*. (Yales studies in attitude and communication.). Yale University Press. Association Revue Française de Sociologie, 2(4), pp.333-334. <https://doi.org/10.2307/3319768>
- Roza, B. D. A. (2005). Efeitos do processo de doação de órgãos e tecidos em familiares: intencionalidade de uma nova doação. *Universidade Federal de São Paulo. Escola Paulista de Enfermagem*, (s.n), 1-168. https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_nlinks&ref=000139&pid=S0103-2100201300040000500015&lng=en
- Roza, B. A., Ferraz Neto, B., Thomé, T., & Schirmer, J. (2009). Doação de órgãos e tecidos no Brasil: podemos evoluir. *Mundo Saúde*, 33(1), 43-8. <https://doi.org/10.1534/0104-7809.200933.1.6>
- Sadala, M. L. A. (2001). A experiência de doar órgãos na visão de familiares de doadores. *Jornal Brasileiro de Nefrologia*, 23(3), 143-151.
Recuperado de https://bjnephrology.org/wp-content/uploads/2019/11/jbn_v23n3a01.pdf
- Santos, M. J. D., & Massarollo, M. C. K. B. (2005). Processo de doação de órgãos: percepção de familiares de doadores cadáveres. *Revista latino-americana de enfermagem*, 13(3), 382-387. <https://doi.org/10.1590/S0104-11692005000300013>
- Santos, R. C. C., Moura, L. C & Fully, L. F. K. (2014). Entrevista Familiar para Doação de órgãos e Tecidos. In L. C. Moura & S. S. Vanessa (Eds.), *Manual do núcleo de captação de órgãos: iniciando uma Comissão Intra-Hospitalar de Doação de Órgãos e Tecidos para Transplantes-CIHDOOT* (pp.59–69). Minha Editora. <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/sms-9228>
- Santos, M. J., & Massarollo, M. C. K. B. (2011). Fatores que facilitam e dificultam a entrevista familiar no processo de doação de órgãos e tecidos para transplante. *Acta paulista de enfermagem*, 24(4), 472-478. <https://doi.org/10.1590/S0103-21002011000400005>
- Santos, M. J. D., Massarollo, M. C. K. B., & Moraes, E. L. D. (2012). Entrevista familiar no processo de doação de órgãos e tecidos para transplante. *Acta paulista de Enfermagem*, 25(5), 788-794. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-21002012000500022>.
- Santos, R. de J., Lins, L., Santos, M. R. C., Menezes, M. S., Carvalho, F. A. R. de & Carvalho, F. M. (2016). Aspectos éticos dos transplantes de órgãos na visão do estudante de medicina: um estudo comparativo. *Revista Bioética*, 24(2), 344-354. <https://doi.org/10.1590/1983-80422016242135>
- Schirmer, J., Leite, R. F., Roza, B. D. A., Silva, A. S., Fujinami, T. I., Lemos, M. D., & Kian, F. M. (2007). Doação de órgãos e tecidos: o que sabem os estudantes do ensino médio. *Einstein*, 5(3), 213-9.

- Silva, L. A. (2016). O Psicólogo na mediação positiva na doação de órgãos. *Jornal Brasileiro de Transplantes*, 19(1), 1-27. <https://doi.org/10.53855/bjt.v19i1.103>
- Silva, T. R., Alves, M. S., Braz, P. R., & Carbogim, F. C. (2018). Comissão intra-hospitalar de doação de órgãos e tecidos para transplante: vivência dos enfermeiros *Revista Enfermagem UERJ*, 26. <https://doi.org/10.12957/reuerj.2018.34120>
- Silva, S. L., Oliveira, I. L. F., Pego, Z. O., Pereira, J. R., & Sousa, C. V. (2016). Condicionantes da motivação para a doação de órgãos: uma análise à luz do marketing social. *TPA – Teoria E Prática Em Administração*, 6(1), 69-96. <https://doi.org/10.21714/2238-104X2016v6i1-28274>
- Silva Júnior, S. D. (2020). De boa intenção o inferno está cheio: antecedentes e emissores que influenciam o comportamento dos jovens conversarem com a família sobre doação de órgãos (Doctoral dissertation). <https://hdl.handle.net/10438/29066>
- Silva, D. S., Bousfield, A. B. S., & da Silva, C. D. (2019). Representações sociais da doação de órgãos para estudantes universitários: dimensões e tensões. *Revista Psicologia em Pesquisa*, 13(3), 193-212. <https://doi.org/10.34019/1982-1247.2019.v13.27258>
- Souza, C. B. E. de, Pereira, C. B., Lameck, G., Cordeiro, K. C., Muniz, T. T., & Polli, G. M. (2019). Representações sociais sobre doação de órgãos. *Boletim – Academia Paulista de Psicologia*, 39(97), 207-216. <https://doi.org/10.5935/2176-3038.20190025>
- Tessmer, C. S., Silva, A. R. D., Barcellos, F. C., Araujo, C. L., Costa, J. D. D., & Böhlke, M. (2007). Do people accept brain death as death? A study in Brazil. *Progress in Transplantation*, 17(1), 63-67. <https://doi.org/10.1177%2F152692480701700110>
- Yazici Sayin, Y. (2016). Turkish validity and reliability of organ donation attitude scale. *Journal of clinical nursing*, 25(5-6), 642-655. <https://doi.org/10.1111/jocn.12943>